

Ana Lúcia Guimarães

Doutora em Antropologia, Mestre em Sociologia - UFRJ,
Especialista em Tecnologias Educacionais,
Docência Online e A Moderna Educação: Metodologias,
Tendências e Foco no Aluno. Psicóloga. Pedagoga. Docente na UNISUAM

Kenia Telles

Especialista em Linguagem, Tecnologia e Educação – UFMG
e em Estratégias de Mídias Sociais – FAETEC SENAC RIO
Jornalista e Pedagoga - UNISUAM

Mariana Marcelina dos Santos Teodoro

Assistente Social e Pedagoga

Thaís Leal Nascimento de Araújo Fonseca

Fotógrafa e Pedagoga
Rio de Janeiro – RJ

RESUMO

Este trabalho apresenta uma pesquisa bibliográfica sobre o avanço do uso das tecnologias digitais da informação e da comunicação (TDICs) na educação. Analisando brevemente e de forma geral, os equipamentos e técnicas que ao longo do tempo se tornaram ferramentas de trabalho para os professores. E conceituando propostas de ensino online, frente à impossibilidade da realização da modalidade presencial durante a pandemia do Corona Vírus, doença altamente contagiosa que chegou ao Brasil em março de 2020. Entre as propostas, foram apresentadas: o ensino remoto, o ensino a distância e o ensino híbrido. Refletindo sobre a importância da introdução e adaptação de professores a este novo cenário, e as suas angústias geradas pela nova conjuntura no processo ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Linguagem; Tecnologia; Educação; EaD; Letramentos.

INTRODUÇÃO

O presente artigo foi desenvolvido na finalização do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM), no primeiro semestre do ano de 2021.

Segundo MORAN (2003), os estudos realizados no ambiente educacional sobre o uso das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs), demonstram fragilidades na sua integração às práticas pedagógicas desenvolvidas nas instituições de ensino.

Marinho e Lobato (2008) e Afonso (2002), as tecnologias digitais de

informação e comunicação (TDICs), compreendem um conjunto de equipamentos e aplicações tecnológicas que utilizam a internet e diferenciam-se das tecnologias de informação e comunicação (TICs) pela presença do digital, ou seja, por meio de codificações binárias, é possível processar qualquer informação, principalmente no que se refere a comunicação instantânea e buscar informações (KENSKI, 2012).

No contexto da pandemia, discentes e docentes, precisaram com urgência utilizar as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs), de forma improvisada.

De acordo com a organização mundial de saúde (OMS), pandemia é a disseminação mundial de uma nova doença para a qual as pessoas não têm imunidade, sendo assim com o surgimento do novo coronavírus, declara estado de emergência de saúde pública, de importância internacional.

Segundo especialistas da FIOCRUZ a doença causada pelo novo coronavírus, o SARS-CoV-2, é uma infecção respiratória aguda, potencialmente grave e altamente contagiosa. Para frear a rápida evolução da pandemia, protocolos emergenciais foram necessários. Com a inexistência de vacina para conter o avanço da doença foram adotadas medidas como: uso de máscaras caseiras, higienização das mãos e o isolamento social, incluindo o fechamento de escolas. Medidas que geraram um grande impacto no sistema educacional e acentuaram os problemas socioeconômicos e educacionais do mundo e do país, levando-nos à algumas provocações na elaboração desse trabalho.

Para Ribeiro (2020), vivemos um ciclo de precariedades, que se insere em nossas considerações no artigo. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cerca de 36% da população brasileira não tem acesso à internet, reforçando a ideia do filósofo Pierre Levy (2004): “toda nova tecnologia cria seus excluídos”. Esta afirmação não é um ataque a tecnologia, mas um desafio, quando se pensa em propor uma experiência formativa, onde a possibilidade da integração não é tão forte, posto que quase dois quintos da população não têm interação com a ferramenta mais globalizada do mundo.

Por não ter o reconhecimento prévio do recurso das tecnologias digitais com a finalidade pedagógica, o seu uso imposto, necessário e abrupto, apresenta grandes desafios. Boa parte dos professores não tiveram qualquer suporte ou capacitação para ensinar fora do ambiente físico da escola. A pandemia é um fator de aceleração na transição digital, mas ainda não existe uma organização, dessa forma, observa-se o surgimento de um problema: a falta de infraestrutura física adequada nas escolas que oportunize o uso de tais recursos, como por exemplo a falta de internet, que é um fator de sumarelevância, pois sua ausência impossibilita o uso de recursos tecnológicos.

Cabe indagar se a ausência das tecnologias na sala de aula está relacionada a estrutura administrativa e regimental regulamentada para aulas presenciais, ou à falta de formação que norteie os professores. Nesse sentido, realizamos uma pesquisa bibliográfica sobre o avanço do uso das

tecnologias digitais da informação e da comunicação (TDICs) na educação. Procuramos analisar brevemente e de forma geral, os equipamentos e técnicas que ao longo do tempo se tornaram ferramentas de trabalho para os professores.

Através do método de revisão bibliográfica, nos atentaremos neste artigo ao avanço da tecnologia na educação, com autores que esclarecem este movimento como Vani Kenski (2012) e Pierre Lévy (2010), que nos mostram a tecnologia como potencializadora do pensamento humano. Debateremos sobre as ferramentas existentes em uso, através de Menezes (2001), sobretudo diante da pandemia da COVID-19 iniciada em março de 2020 no Brasil. E refletiremos sobre o que caracteriza a cultura digital e linguagem pelos olhos de Silva (2001).

Consideramos as definições e as diferenças entre o ensino remoto, ensino a distância (EaD), o ensino híbrido, trazidas para este texto por meio de autores como Cecílio (2020) e Charczuk (2020), que nos ajudam a formar a base de entendimento sobre as formas como tem se dado o ensino mediante distanciamento e isolamento social, por medidas sanitárias. Complementando a ideia de Garofalo (2018) sobre a introdução das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDCIs), com a entrada até dos

professores mais distantes no mundo virtual, requer atenção e reflexão sobre essa nova atribuição de gerenciar novas ferramentas na educação, qualitativamente.

Levaremos em conta, também, a contribuição de Holanda, Pinheiro e Pagliuca (2013) em pensar sobre a autonomia provocada pelas tecnologias digitais de informação e comunicação (TDCIs) tanto para professores quanto alunos diante a produção de suas atividades.

Finalizaremos com um debate sobre as angústias e o despreparo do corpo docente para a mediação do ensino remoto, trazendo referências de Morales (2020), e a proposta de reflexão das práticas pedagógicas por Guimarães (2020).

CULTURA DIGITAL E APRENDIZAGEM: REFLEXÕES INICIAIS E METODOLOGIA DE ESTUDOS

Desde que o homem primitivo acumulou experiências, iniciou seu acúmulo de conhecimentos e planejamento de formas de como facilitar sua vida, otimizando algumas de suas tarefas, mesmo tarefas básicas necessárias à sua sobrevivência, como garantir sua alimentação, construir abrigo, conquistar segurança. Desde esse início as tecnologias fazem parte de nossa vida, como invenções do ser humano para melhorá-la.

A cultura digital, da tecnologia da informação, nas relações sociais de aprendizagem e de comunicação nos desafia a pesquisar o enredo e os desdobramentos traçados pela dinâmica tecnológica operacionalizada na educação em tempos atuais.

Como os atores sociais envolvidos no processo de ensino-

aprendizagem se portam, quais os limitantes no espaço escolar em um programa de ensino a distância, condicionados pela pandemia.

Despertar no estudante o “aprender a aprender”, a produzir conhecimento/ou (re) significá-lo é tarefa de mediadores que estimulam o desenvolvimento de seres pensantes em contextos digitais. Provavelmente, será essa a nova fase, o novo modelo de sociedade que estamos em vias de ser.

O presente trabalho justifica-se pelas fragilidades estruturais na educação.

Segundo o Ministério da Educação - MEC, no Caderno de Cultura Digital:

Em se tratando da Cultura Digital, é preciso ainda oferecer condições de acesso ininterrupto à internet nos espaços escolares e comunitários de forma pública e gratuita para pais, professores, alunos, enfim, para toda a comunidade [...] (MEC, 2010, p. 15).

Segundo, Ribeiro (2019) os telefones celulares estão acessíveis a toda população, não importa a classe social, etnia ou gênero, ultrapassando barreiras sociais presente em praticamente todos os lares. Entende-se que é um recurso acessível, e no contexto da pandemia se tornou um grande aliado. Entretanto o seu uso no espaço escolar não é regulamentado, pelo contrário, existem leis que proíbem o seu uso nos espaços escolares.

[...] Em sala de aula, ele (o professor) é responsável por estabelecer o ambiente e preparar as oportunidades de aprendizagem que facilitem o uso da tecnologia pelo aluno para aprender e se comunicar. Consequentemente é essencial que todos os professores estejam preparados para oferecer essas possibilidades aos alunos (UNESCO, 2009, p.1).

O uso de ferramentas, tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs), sem o acesso à internet, nunca foi visto como um item essencial nos espaços educacionais, por falta de infraestrutura e por não ser reconhecido como um aliado ao aprendizado.

O AVANÇO DA TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO

Segundo o estudioso Santos (2005), a palavra tecnologia do grego “techné”, que significa método, constitui uma maneira de se fazer algo para atingir um objetivo, tendo o melhor resultado possível.

Com o avanço do desenvolvimento, as tecnologias foram se diversificando pelos setores da sociedade, com diferentes propostas. Alguns profissionais possuem restrições com este avanço, acreditando que essa é uma proposta perigosa que pode fazer com que as máquinas dominem e suprimam o ser humano. c, p. 15 nos alerta que:

O cúmulo da cegueira é atingido quando as antigas técnicas são declaradas culturais e impregnadas de valores, enquanto as novas são denunciadas como bárbaras e contrárias à vida. Alguém que condena a informática não pensaria nunca em criticar a impressão e menos ainda à escrita.

Ao nos tornarmos usuários das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs), podemos correr o risco de nos transformar em meros consumidores do mundo digital e repetidores de uma lógica de consumo e alienação, é importante ressaltar que "ter acesso" não é suficiente.

Quando Lévy (2004) comenta de cegueira, ele está querendo alertar que é muito comum condenar as novidades por uma questão de medo do desconhecido, por não se ter ainda o controle sobre aquilo que é tão novo. De maneira geral, muitas instituições e o corpo docente, ainda não compreendem as práticas das modalidades presencial e Educação a Distância (EaD) e, toda novidade causa dúvidas. Por isso há tanta insegurança em alguns professores, com relação às tecnologias, pois representa inexperiência para as gerações mais velhas, enquanto as mais novas, que nasceram após meados da década de 1990, estão se sentindo plenamente à vontade em relação a tudo que está acontecendo, estão encarando com muita naturalidade.

Na afirmação de Lévy (2010) percebemos que nossa cognição não só nos permite produzir tecnologias, mas também necessita delas para evoluir, logo, pensar em tecnologias da inteligência não significa pensar em equipamentos e técnicas que substituam a inteligência humana, mas sim em equipamentos e técnicas que auxiliam a evolução da inteligência humana, onde sujeitos possuam inteligência para resolver os problemas, mas utilizam a tecnologia como auxílio à resolução.

TECNOLOGIAS, LETRAMENTO E FERRAMENTAS

A interação neste novo espaço, tela do computador, celular ou do tablet, onde ocorre, por exemplo, a escrita on-line, em e-mail, em chats ou em fóruns, é diferente da interação face a face, e da escrita no papel.

Segundo Coscarelli e Ribeiro (2005), no dicionário do Ceale, "Letramento digital diz respeito às práticas sociais de leitura e produção de textos em ambientes digitais, isto é, ao uso de textos em ambientes propiciados pelo computador ou por dispositivos móveis, tal como celulares e tablets, em plataformas como e-mails, rede sociais na web, entre outras." O letrado digital, portanto, é aquele indivíduo que sabe ler, de maneira atenta, e que consegue selecionar informações e avaliar, de maneira crítica, a qualidade e a pertinência daquilo que está na internet. Sendo assim, ele escreve em blogs, sites, sabe usar o ambiente digital de maneira eficaz, de acordo com os seus objetivos e com contexto.

Antes de definir letramento digital, é importante salientar o que é letramento. O termo passou a fazer parte do vocabulário de especialistas das áreas da educação e da linguística a partir da década de 1980, a fim de atender à necessidade de utilizarmos uma nova palavra que se contraponha à acepção rasa do termo “alfabetização”.

Desde então, a problemática que acompanhou as discussões estava na busca por uma definição de letramento que contemplasse toda sua dimensão.

A pesquisadora Soares (2003) indica que os preceitos acerca do letramento não se reduzem à capacidade de ler e escrever, mas conecta tais capacidades a várias outras práticas letradas, envolvendo uma série de conhecimentos necessários para se desempenhar diversas funções sociais.

Educadores precisam ter clareza das habilidades que estão envolvidas nesse letramento, para que a escola, como agência de letramento, possa criar formas de desenvolvê-las satisfatoriamente.

A educação é um processo inerente à formação dos sujeitos, ou melhor, à formação dos cidadãos e as tecnologias que cercam o mundo contemporâneo. As tecnologias não devem ser consideradas como facilitadoras do ensino. De acordo com Menezes (2001), são:

Ferramentas tecnológicas que podem ser empregadas no dia a dia do professor, no intuito de incrementar o processo de ensino. O usoda palavra tecnologia, apesar do termo referir-se a tudo aquilo que o ser humano inventou (tanto em termos de artefatos como de métodos e técnicas), está ligado, nesse caso, ao conjunto de invenções eletroeletrônicas que a partir do século passado começaram a afetar a vida humana de forma quase revolucionária: telégrafo, telefone, fotografia, cinema, rádio, televisão, vídeo e computador.

Menezes (2001) fala, então, de **“ferramentas tecnológicas que podem ser empregadas”**, isso significa que se trata de qualquer equipamento ou técnica que seja útil no processo de ensino, e ainda vamos além, não basta a utilidade no ensino, é necessário que seja eficaz, principalmente, no processo de aprendizagem. Tudo que o ser humano cria, desenvolve ou aprimora para facilitar ou melhorar sua vida é considerado tecnologia.

Toda invenção humana é uma tecnologia, Menezes (2001) nos coloca o que chamamos de “tecnologias educacionais”, os aparatos eletrônicos e suas técnicas, que propiciaram uma verdadeira revolução tecnológica a partir do século XX. Não podemos pensar o mundo e a educação a partir das tecnologias, mas sim com as tecnologias e as transformações que elas deflagraram. Assim, os estudantes que estão nos bancos escolares hoje representam uma nova geração, com necessidades de sua época, uma época tecnológica na qual as tecnologias são parte de todo o cotidiano. É importante considerar a tecnologia com naturalidade,

promovendo um processo de letramento digital que possibilite uma visão crítica sobre elas.

CULTURA DIGITAL E ENSINO ONLINE NO PROCESSO EDUCACIONAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA

Cultura digital é toda mudança ocasionada pela tecnologia somada à internet, que, em poucos anos, transformou o mundo e a maneira como interagimos nele. O conceito de cultura digital não teria surgido sem a criação de tecnologias digitais de informação e comunicação (TIDCs). Com o avanço da internet muita coisa mudou, principalmente a questão da linguagem. Segundo Silva (2001), a última década do século XX tem como a sua principal característica a geração virtual, “na era da globalização a tecnologia destrói barreiras de tempo e distância, e se torna possível à troca de informações entre pessoas por meio de redes de computador, informações essas que variam desde textos verbais até vídeos”.

O Decreto brasileiro número 5.622 de 19 de dezembro de 2005, define o EaD como uma modalidade em que o ato de mediar didática e pedagogicamente os processos de ensino, ocorrem por meio da utilização de aparatos de tecnologia da informação e comunicação entre estudantes e professores desenvolvendo atividades educacionais em diversos espaços e ou tempos.

Cecílio (2020) nos aponta a evidência de formas baseadas no estar distante, de se ofertar ao estudante uma extensão do que é tratado em sala de aula para alcançar os conteúdos próprios para aquele ano de escolaridade, diante da separação física entre os atores do processo de ensino-aprendizagem. O ensino remoto, as aulas e atividades remotas, assíncronas e síncronas, o ensino a distância e híbrido, são aplicados de forma pontual, ou ampliados em plataformas digitais durante a pandemia.

O que, futuramente, poderá ser uma herança deixada pelo isolamento social imposto pelo coronavírus, nos mostra como os professores e a educação como um todo conseguiram se reinventar e se apropriar de novas possibilidades criadas para potencializar e acompanhar o ensino presencial.

A modalidade EaD prevê uma organização e estruturação mais complexa, abrangente, e conforme alerta Garofalo (2018) é preciso planejamento do professor para adequar o uso de ferramentas como ambientes virtuais de ensino online, aplicativos, email, a própria web, blogs, ao ensino, na perspectiva de ter intencionalidade na proposta lançada, oferecer autonomia, responsabilidade e mediação necessária sobre o processo de ensino-aprendizagem, contribuir para que o estudante tenha criticidade sobre o que está produzindo, em meio a cultura digital situada em contextos do século XXI e na era da informação e comunicação.

Segundo Holanda, Pinheiro e Pagliuca (2013) os investimentos em tecnologias de informação e comunicação (TICs) e a ampliação da internet derrubou barreiras geoespaciais e temporais no alcance do segmento

educacional. Com o nascimento da rede interligada de computadores em finais do século XX, surgiu também inovadoras formas de aprender através desta mesma rede, com desenvolvimento de certas especificidades que vieram para atender a área acadêmica, softwares que proporcionavam ambientes virtuais de para o processo de ensino-aprendizagem online, via rede de internet.

Com o avanço do tempo e dos estudos sobre tecnologia da informação e computação desempenhou-se um processo carregado de dinamicidade e construção ativa do ato de conhecer, adquirir e descobrir habilidades, através da comunicação propiciada pela tecnologia, nos ambientes digitais, pela mediação do professor ao fazer uso de recursos e suportes tecnológicos, de forma didática e veiculados nos diferentes meios de comunicação. Holanda, Pinheiro e Pagliuca (2013) acreditam que as Tecnologias de Informação e Computação estimulam e desafiam às práticas de ensino aprendizagem. Alunos e professores precisam estar motivados, dedicados e gerenciar seu tempo para atender a confecção das atividades. A independência gira em torno dessa proposta, o conceito online forneceu autonomia para ambas as partes e aos estudantes a possibilidade de construir no seu tempo, o seu conhecimento. Em contextos de pandemia, grande é a preocupação do professor para manter e realizar o processo de ensino-aprendizagem e para conseguir exercer suas funções, passando a fazer uso frequente da internet, do ensino online, mesmo distantes, estão transmitindo, acessando e promovendo atividades aos seus estudantes.

Porém, como apontado por Charczuk (2020) existe um objetivo de dar enfoque a discussão sobre o exercício do professorado, por meio das tecnologias digitais, da internet e do ensino remoto. É necessário refletirmos sobre os elementos pertinentes às ações do mediador, nestas dadas condições sanitárias e de isolamento, causadas pela COVID-19 e a comunhão entre estudante, mediador e conhecimento em uma situação diferente da que estão acostumados, que é a sala de aula. Por isso, orientar e capacitar professores para que se adequem ao uso de ferramentas pedagógicas tecnológicas é outra importante ação para o qualitativo desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem em contextos de ensino remoto.

Aumentando as possibilidades de trabalho, de ensinar a distância, conceituaremos ensino híbrido e ensino remoto, segundo Cecílio (2020). Sendo o ensino híbrido uma estruturação da educação formal, onde o estudante apreende o conteúdo programático em parte por vias online, com certa delegação de organização do tempo e de estudos por parte do estudante e um outro momento de aprendizagem sob orientação e mediação direta, física e presencial do professor, dentro de uma instituição formal de ensino.

Segundo Cecílio (2020) cruzar diferentes formas didáticas e recursos para estruturar o ensino e a aprendizagem é um fundamento do ensino híbrido, tendo os meios digitais em seu leque de atuação. Assim, o professor tem a possibilidade de observar e personalizar o atendimento aos seus

estudantes, observando suas necessidades na aprendizagem e tornar o aluno a figura mais importante do processo enquanto o professor tutor, media sua atuação. Sala de aula invertida, rotação por estação são alguns métodos de ensino híbrido, trazendo o aluno para atuação responsável e não o mantendo como mero espectador do processo.

PENSANDO SOBRE DESPREPARO E AS ANGÚSTIAS DOS PROFISSIONAIS DE ENSINO PARA O TRABALHO COM OS DISCENTES NESSE MOMENTO

Diante das grandes mudanças e adaptações que a pandemia nos trouxe, é normal tentarmos analisar um resultado futuro. Seriam todos os esforços suficientes para alcançar o fim desejado? Qual é o objetivo da educação neste cenário de tantas incertezas, a memorização de conteúdo ou a busca por conhecimento? Qual a melhor forma de avaliar o “educando da pandemia”?

Antes de pensarmos em todos os questionamentos que o atual cenário nos traz, vale ressaltar que este foi instaurado sobre um outro igualmente desafiador, de desigualdades e despreparo do nosso sistema educacional. Nenhuma das incertezas da pandemia, no âmbito educacional, surgiu com o vírus. A pandemia apenas expôs uma série de fragilidades preexistentes ao presente momento. Mas foi o necessário para o despertar para a busca às novas soluções, ainda que tardiamente.

Segundo Morales (2020) 88% do corpo docente brasileiro nunca havia ministrado uma aula virtual antes da pandemia. Devido a resistência a inserção das TDICs nas escolas, muitos profissionais não estavam familiarizados com este processo. Além da resistência, outros fatores como falta de internet e infraestrutura, se tornam um grande desafio do ensino remoto. Com o anúncio repentino de uma epidemia mundial e por conseguinte o fechamento das escolas, boa parte dos professores não tiveram qualquer suporte ou capacitação para ensinar fora do ambiente físico da escola. Um agravante aos professores da educação infantil que utilizam recursos lúdicos no processo ensino aprendizagem.

Embora a oferta de plataformas de ensino digital tenha crescido, especialmente as gratuitas, a maioria dos alunos não tem acesso livre a internet, e/ou não utilizam computadores para este acesso, o que dificulta a apresentação destas plataformas.

Pensando na realidade destes alunos, a rede social torna-se a melhor forma de contato professor-aluno, mas ainda assim não é completamente eficaz.

Morales (2020) ainda afirma que neste cenário o lado psicológico também ficou esquecido. Assim como todas as pessoas, os profissionais da educação também passam por todas as incertezas e ansiedades provocadas pela pandemia. O professor que não está preparado para ministrar aulas remotas, tem que aprender a gerir este processo, criar conteúdo, repassar o conteúdo redobrando a atenção para perceber através

de uma tela se cada aluno está realmente assimilando as informações transmitidas, e criar formas de avaliação coerentes com as circunstâncias, torna essa nova rotina de trabalho mais estressante e deixa esses profissionais ainda mais ansiosos quanto ao futuro de seus educandos e ao seu próprio.

Em tempos de imprecisão e incertezas, cabe ao professor o papel de agente transformador, refletindo e revendo as práticas até então adotadas em sala de aula, segundo Guimarães (2020). A resignificação das práticas pedagógicas, tende a ser a chave principal para despertar o interesse dos alunos, tornando esta, a máxima para a construção dos conhecimentos nos tempos atuais. Pois apesar da grande necessidade de mudança na educação, que já consolidada, devido às suas falhas, agora, em método experimental, as falhas não deixarão de existir. Para a grande maioria, professores e alunos, o processo é novo e nunca testado antes e abre grandes brechas para o descaso e repetição do método anterior, se este interesse não for despertado.

Guimarães (2020) debate ainda sobre os principais pontos a serem observados para a reconstrução de novos processos educacionais, a começar pela formação dos novos docentes, visando torná-los mais reflexivos, estimulando a autoestima, autoconhecimento e o olhar para a cidadania, rompendo com o paradigma educacional vigente, utilizando-se do exemplo e da experiência do docente para um processo de ensino-aprendizagem mais eficaz e trazendo as tecnologias digitais ao protagonismo deste processo. Outro ponto apresentado é a formação continuada, pois a formação não se encerra com o término da graduação, ao contrário, se inicia. O mundo está em constante mudança, o que hoje é uma nova tecnologia, amanhã passa a ser retrógrado, e o professor deve acompanhar essas mudanças, revendo de tempos em tempos seus métodos e refletindo sobre a sua eficácia.

CONCLUSÃO

O debate acerca dos métodos educacionais é infindável. Reavaliando a história da educação, conseguimos identificar falhas, pontos de mudança e aspectos positivos. Mas nenhum método, por mais trabalhado que seja, é infalível para todos. Considerando os dias atuais em que a educação se dá por meios digitais, acompanhando enfim as tecnologias modernas, colocamos em pauta uma possibilidade de mudança há muito questionada, mas pouco considerada.

Mas como garantir a eficácia da aprendizagem digital?

A verdade é que nunca houve garantia. Na educação presencial ou digital, mesmo com suas dificuldades, que para alguns pode ser um facilitador, não há garantias. Tudo é condicionante às circunstâncias que permeiam o social.

Vai depender do esforço do professor em um dia de trabalho. Ou da disposição do aluno em 1h de aula. Ou ainda a abertura da escola ao ouvir

um pai que virou professor dentro de casa. Tudo é relativo e nada é concreto. Os resultados da pandemia veremos daqui há alguns anos. Por hora, entre certezas e incertezas, a única conclusão a que chegamos, é que a educação acontece. Em casa, na escola, na rua. Acontece sempre.

REFERÊNCIAS

Aprendizagem na educação online: análise de conceito. Brasília, Df: Revista Brasileira de Enfermagem, 28 abr. 2013. Bimestral. **Rev Bras Enferm.** Disponível:

<https://www.scielo.br/j/reben/a/nc6YL3ny8NhrR4cGKps95wy/?lang=pt>.

Acesso: 29 mai. 2021.

Novos tempos, novos desafios: estratégias para equidade de acesso ao ensino remoto emergencial. São Paulo: **Revista Brasileira de Educação Médica**, 2020. Mensal.

Disponível: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.supl.1-20200420>. Acesso: 29 mar. 2021.

BRASIL. Jaqueline Moll. Mec (ed.). **Cultura Digital: cadernos pedagógicos**. Brasília:Ministério da Educação, 2010. 56 p. (7).

CHARCZUK, Simone Bicca. Educação e Realidade: docência em tempos de pandemia. Sustentar A Transferência no Ensino Remoto, **Rio Grande do Sul**, v. 45,

n. 4, p. 01-20, 2020. Trimestral. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2175-6236109145>.

Disponível:<https://www.scielo.br/j/edreal/a/S7dGKjBx7Ch4FxwVc93pVg?lang=pt>. Acesso: 29 mar. 2021.

DÉBORA GAROFALO (São Paulo). Nova Escola. **Cultura Digital: o que é e quais ferramentas podem ser utilizadas**. 2018.

Disponível: <https://novaescola.org.br/conteudo/12552/cultura-digital-o-que-e-e-quais-ferramentas-podem-ser-utili>. Acesso: 13 mai. 2021.

GUIMARÃES, Ana Lucia. **Aprendizagem Colaborativa E Redes Sociais: Experiências Inovadoras**. Rio de Janeiro: Ed. Appris, 2018.

MAGDA SOARES. Faculdade de Educação da UFMG. **TERMOS DE ALFABETIZAÇÃO, LEITURA E ESCRITA PARA EDUCADORES**. Glossário Ceale. Disponível:

<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/folhade-rost0>.

Acesso: 10 jun. 2021.

MORALES, Juliana. **83% dos professores ainda se sentem despreparados para dar aulas online**. 2020. Guia do Estudante. Disponível: <https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/83-dos-professores-ainda-se-sentem-despreparados-para-dar-aulas-online/>. Acesso: 04 jun. 2021.